

Pandemia, incidência do digital na vida dos jovens e efeitos subjetivos

Carolina Nassau Ribeiro

Introdução

Durante a pandemia de covid-19, experimentamos um aumento da procura por tratamento psicanalítico, sobretudo mediado por dispositivos virtuais. Concomitante a esse aumento, foi possível escutar dos próprios adolescentes um recrudescimento do uso de aplicativos de redes sociais para se comunicarem com os amigos, já que não podiam mais se encontrar em ambientes presenciais, e, também, do uso de jogos com interação online. Os adolescentes trouxeram questões relacionadas não apenas ao uso das redes nos atendimentos, apontando também para os pontos de enlaçamento social que elas provocam. Sendo assim, neste breve ensaio, interessa-nos debater os efeitos do digital na vida dos adolescentes, sem a pretensão de esgotar o tema.

A incidência do digital

Como ressaltado, observamos entre os adolescentes um excesso do uso de *gadgets* – sobretudo dos *smartphones*, com seus aplicativos de redes sociais – e de jogos online, que se tornaram um ponto de encontro virtual. Não pretendemos condenar as novas tecnologias,

uma parte já intrínseca do cotidiano, mas questionar e apontar alguns de seus efeitos na sociedade.¹

De acordo com um artigo de Caroline Miller ([s. d.]), publicado no Child Mind Institute, existe uma correlação entre mídia social, depressão e suicídio. Por meio de pesquisas e estudos realizados, a autora afirma haver um aumento de 65% nas taxas de suicídio de adolescentes do sexo feminino nos EUA entre 2010 e 2015, o que coincide com o surgimento do *smartphone* em 2007. Além disso, há um crescimento significativo das taxas de depressão entre esse público nesse mesmo período. A hipótese é que o aumento do contato virtual diminuiu os encontros presenciais e, por conseguinte, as trocas simbólicas e a sensação de realização e prazer geradas pelas atividades do mundo real.

Para Caroline Miller ([s. d.]), a plataforma do Instagram produz, sobretudo em meninas adolescentes, a insatisfação com a imagem corporal e a sensação de inadequação. Em nossa prática clínica, as jovens reclamam que o acesso diário às imagens de pessoas que lhes parecem perfeitas, cujas vidas são supostamente ideais e glamourosas nas redes sociais, faz com que sintam que suas vidas são comuns demais. No ambiente virtual, todos parecem mais bonitos, mais magros, mais ricos e mais incluídos socialmente.

Desse modo, uma adolescente de 14 anos, com uma família estável e um bom desempenho escolar, decidiu procurar a análise porque não se sentia satisfeita com o seu corpo, apesar de sua aparência dentro dos parâmetros considerados “adequados” para o discurso social vigente. A analisante afirma seguir algumas celebridades estadunidenses no Instagram e, ao se comparar a essas jovens, que utilizam

1 Daremos mais ênfase aos efeitos negativos, pois são os que mais aparecem em nossa prática clínica.

a rede como vitrine profissional, angustia-se e sente que a sua vida não é legal. Inclusive, com relação aos colegas, a impressão é de que estão todos experimentando uma vida mais interessante que a sua.

Percebemos, então, existir uma tendência entre os usuários das redes sociais, como o Instagram, em mostrar apenas uma versão “perfeita” de si mesmos (a melhor foto ou uma cena forjada de um passeio ou viagem). Isso parece ultrapassar o mundo digital, ao limitar as possíveis trocas – as que se passam no campo da linguagem – entre os jovens, viabilizando brechas de elaboração diante da emergência do Real que experimentam. Desse modo, as imagens exibidas tendem a se fechar em uma suposta percepção de completude e de uma imagem idealizada de si mesmo – e, por isso mesmo, irrealizável, sobretudo ao crivo do Supereu.²

Assim, escuto frequentemente dos adolescentes a afirmação: “*eu não sinto que sou o suficiente*”. Se esse sujeito em fase de mutações físicas e psíquicas acredita que não é ou que nunca será o suficiente, com a força pulsional vinda das acusações do Supereu, não é difícil que conclua, muito rapidamente, ser essa uma vida banal, ordinária e com ideais inalcançáveis, indigna de ser vivida.

Os jovens afirmam, desse modo, serem vítimas de uma nova “patologia”, denominada “Fomo” (*fear of missing out*), entendida como o medo de estar perdendo alguma coisa (Elhai *et al.*, 2021). O termo se

2 Freud ([1923] 2011) formulou a segunda tópica em que o aparelho psíquico é dividido em três instâncias: o Eu, o Isso e o Supereu. O Supereu é uma instância crítica, constituído como efeito do complexo de Édipo e da assimilação de leis e normas sociais, possui um caráter coercitivo e voraz, como um imperativo categórico. Trata-se de uma voz crítica que pode ser “hiper moral e tornar-se cruel” (p. 68). Vale lembrar que, na constituição do Supereu, há uma desfusão pulsional a deixar uma pura quota de pulsão de morte que se volta cruelmente contra o Eu, com uma intensidade pulsional violenta, acusando-o de jamais ser o suficiente.

refere a uma espécie de “inveja” gerada pelas redes sociais. Desse modo, o adolescente está em seu quarto, sentindo-se sozinho, com dificuldades de socializar e assistindo aos outros de sua idade vivendo experiências aparentemente prazerosas e agradáveis, enquanto só ele perde a suposta festa do “gozo”.

A vida social é um aspecto de extrema relevância para jovens e, com as redes sociais, eles acreditam ser possível quantificar o interesse que despertam nos seus pares. Observamos uma preocupação excessiva com o número de seguidores e com a quantidade de visualizações e curtidas que obtêm quando postam algum conteúdo (geralmente, imagético). A impressão é de que isso funciona como uma espécie de espelho distorcido a refletir o reconhecimento do campo do Outro.

Os adolescentes se identificam, também, com “celebridades” do mundo digital e se angustiam quando se sentem “flopados” – termo utilizado para se referir à pessoa cuja conta em rede social não possui um número significativo de seguidores ou de reações positivas, como *views* e *likes*. Assim, cada vez mais solitários, presos em um jogo imagético, os jovens ambicionam possuir mais seguidores no mundo virtual do que amigos no antigo grupo do mundo real, com os quais se identificavam a partir da confluência de gostos e interesses.

Isso posto, não raro, escuto dos adolescentes que eles não gostam de receber os amigos em casa, pois preferem virar a noite conversando ou jogando em chamadas, por meio de dispositivos digitais. Esse modo de socialização virtual implica efeitos que ainda não são passíveis de mensuração; porém, existe a perda do olhar e da voz, que são objetos da pulsão. As relações se revelam extremamente voláteis, haja vista que na presença de conflitos ou mal-estar se bloqueia

o interlocutor ou simplesmente não o responde mais, deixando-o no “vácuo”.

Portanto, há indícios da perda de diferentes modos de produzir laços sociais importantes para esse período da vida. Os adolescentes que passam muito tempo em redes sociais diminuem a prática de atividades saudáveis, como o esporte, e apresentam dificuldades em se concentrar e insônia, pois não param de verificar as redes sociais e, frequentemente, passam a noite conectados (Ehmke, [s. d.]). Os jovens hiperconectados estão normalmente exaustos, pois não fazem intervalos nas interações virtuais e, curiosamente, o sentimento de solidão é ampliado (Ehmke, [s. d.]).

Apesar de não considerar que as redes sejam a fonte do adoecimento psíquico, Hugo Monteiro Ferreira (2022) afirma que a denominada “geração do quarto” está conectada com o mundo por meio das redes digitais, mas não consegue conversar em casa e, muitas vezes, em outros espaços da vida social. Passam muitas horas experimentando a cibercultura, mas não encontram alternativas de expressão com as pessoas mais próximas: “[as] redes sociais são lupas que mostram o silenciamento dentro de casa” (Ferreira, 2022, p. 30).

Para o autor de *Geração do quarto*, os jovens almejam informações rápidas, mas não as buscam nos livros, jornais, revistas ou qualquer outra fonte de informação que implique a palavra escrita. Geralmente, recorrem aos vídeos do YouTube e formam suas opiniões a partir daí. Ademais, é nessa plataforma que encontram os seus ídolos, suas fontes de inspiração e identificação.

Hugo Monteiro Ferreira (2022) aborda, também, a relação do adolescente com o tempo. Para o autor, os jovens só consideram existir o

agora: “[é] preciso entender que essa geração pensa a vida pelo ‘já’, e quando o ‘já’ não lhe vem, tende a não suportar o ‘aguardar um instante’, o ‘instante seguinte’” (Ferreira, 2022, p. 88). O acesso às informações e às tendências musicais, por exemplo, é muito rápido e esperar parece uma tarefa impossível.

Segundo Dias e colaboradores (2019), as condutas de risco acontecem, do mesmo modo, nas redes virtuais. Devido à falta de referências nesse tempo de passagem, o corpo adolescente vulnerabiliza-se e, muitas vezes, as autolesões acontecem na tentativa de estancá-lo pela via do simbólico. Assim, é possível que o jovem apresente comportamentos de risco na internet, passíveis de produzir efeitos fora da virtualidade nesses sujeitos.

Comumente, os jovens buscam as redes sociais como apoio simbólico para apaziguar o seu sofrimento, mas encontram o descaso e o sarcasmo. Um jovem, 13 anos, relatou em análise ter contado ao seu grupo de amigos do Discord³ suas ideias suicidas. Em resposta, foi profundamente criticado. Disseram-lhe que por reclamar demais “ninguém o aguenta”. Após esse episódio, o jovem fez muitos cortes em seu corpo. Os adolescentes afirmam que esses cortes apaziguam uma dor que eles não conseguem transpor para o campo discursivo. É como se as marcas autoinfligidas tivessem a função de escrever, no corpo físico, uma dor não passível de tradução no campo simbólico.

O filósofo sul-coreano Byung Chul Han (2018) afirma que, se o século passado foi o tempo das massas, hoje vivemos uma espécie de *enxame digital*. Se na massa de cem anos antes era possível localizar um nós que se constituía a partir da anulação do eu, na atualidade

3 Plataforma de comunicação online projetada para integração de comunidades de jogos digitais via áudio, vídeo e texto.

nos deparamos com indivíduos que se juntam virtualmente, mas não desenvolvem nenhum nós, nem externam nenhuma voz coletiva: “[o] habitante digital da rede não se reúne. Falta a ele a *interioridade da reunião* que produziria um *Nós*” (Han, 2018, p. 29, grifos do autor). Existe, então, uma erosão do comunitário em prol de uma egotização crescente, em que o social (*socius*) dá lugar ao solitário (*solus*). Como consequência, atendemos jovens trancados em seus quartos, com pouco interesse pela vida social e raros laços afetivos capazes de os atrelarem a uma comunidade em que algum traço do comum possa ser compartilhado.

Para Byung Chul Han (2018), o *smartphone* é um dispositivo que abole os modos complexos de pensamento e promove um enfraquecimento da amplitude temporal, o que implica um incremento do curto prazo e o ocultamento do longo prazo. Ainda, a temporalidade da mídia digital é o presente imediato em que as informações enviadas e recebidas se desenrolam sem a mediação de intermediários. Segundo o filósofo, esse é o fenômeno de “desmediatização”, ou seja, não existe a figura de um mediador na leva de conteúdos – todos produzem e são impactados por dados, a todo tempo, sem nenhuma mediação de um terceiro.

Para Jacques-Alain Miller (2015), os adolescentes hodiernos experimentam o que ele nomeia como sendo uma “autoerótica do saber” – ou seja, se antes da era digital o conhecimento pertencia ao mundo do adulto, agora está acessível com um simples clique que se dá em uma máquina. Acrescentamos às reflexões do estudioso a habilidade de manuseio dos dispositivos digitais estar, hoje, com os adolescentes e não com os mais velhos (que, inclusive, aprendem acerca dos novos aparatos tecnológicos com os mais novos). Assim, o adulto – outrora o portador do conhecimento – mediava um saber que, atualmente, é

acessível sem a necessidade de seu intermédio. Parafraseando Lacan, Miller afirma que agora “o saber está no bolso” (Miller, 2015, p. 40) e o efeito é uma queda do Outro do saber.

Podemos pensar, a partir do que Miller (2015) apontou sobre a “autoerótica do saber”, que o adulto/educador não possui mais a função de mediar o saber, pois este não precisa mais passar pelo campo do Outro para chegar ao sujeito adolescente. O conteúdo que os jovens acessam não passa por nenhuma seleção prévia, a não ser aquela dos algoritmos. Não há uma curadoria anterior que aponte o que será acessado, tudo é passível de ser exibido como material a ser consumido. O cotidiano ou a opinião de qualquer um pode ser visto por uma criança ou por um adolescente.

Observamos, portanto, uma fragilização do sujeito em relação ao campo discursivo, cujo efeito, a nosso ver, pode ser uma mudança da relação do adolescente com o tempo. Na plataforma TikTok, uma das mais acessadas do mundo, os adolescentes se atêm a vídeos que duram não mais que alguns segundos. Uma jovem adulta, por exemplo, afirma estar “viciada” na plataforma e que não consegue mais assistir a vídeos longos, filmes ou séries. Dessa forma, se o adolescente já é imediatista, o digital potencializa essa lógica como se a única possibilidade temporal fosse o “agora”. Vivemos uma época de tempos curtos e isso nos parece fundamental para compreender o excesso de precipitações da clínica atual com os adolescentes. A experiência do digital, a nosso ver, implica uma fragilização dos laços sociais reais e um incremento radical da vivência do curto prazo. Tudo dura segundos. O sucesso de uma música dura dias. O interesse por uma pessoa pode durar não mais que algumas horas. Tudo é muito volátil.

Miller (2015) aponta, assim, uma “mutação do simbólico” que envolve o declínio do patriarcado, a destituição da tradição e o déficit do respeito. Os adolescentes são especialmente suscetíveis a essa degradação da lei que, no fim da obra de Lacan, é vista como um sintoma. Desse modo, o discurso da ciência não mais se vincula à voz do pai. Os registros tradicionais sofrem um forte desgaste, intimidados pelas novas formas de comunicação e uma falta de respeito generalizada, fruto de um individualismo democrático que se impõe. Chama a atenção do autor a demanda vazia de respeito vocalizada por alguns adolescentes.

Considerações finais

Muitas evidências parecem apontar para as novas formas de enlçamento social, diretamente relacionadas à incidência do digital. Muitos jovens estão trancados em seus quartos, vivendo uma vida quase que completamente virtual, com pensamentos mortíferos e praticando autolesões quase que diárias. São solitários e possuem poucos recursos simbólicos. Não se trata de condenar a incidência do digital. Não há como voltar. Existem pontos positivos, claro, mas, infelizmente, o que temos colhido dos adolescentes a partir da escuta revela que eles estão sofrendo muito, e com saídas pela via de atos radicais que tangenciam o real do corpo, como nos casos das lesões autoprovocadas. Parece-nos valoroso que a psicanálise siga contribuindo com esse debate.

Referências

DIAS, Vanina Costa; LIMA, Nádia Languárdia de; VIOLA, Daniela Teixeira Dutra; KELLES, Natalia Fernandes; GOMES, Patricia da Silva; SILVA, Candida Rosa da. Adolescentes na rede: riscos ou ritos de passagem? **Revista Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 39, p. 1-15, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003179048>. Acesso em: 29 mar. 2023.

EHMKE, Rachel. How using social media affects teenagers. **Child Mind Institute**, New York; San Francisco, [s. d.]. Disponível em: <https://childmind.org/article/how-using-social-media-affects-teenagers/>. Acesso em: 29 mar. 2023.

ELHAI, Jonathan D.; YANG, Haibo; MONTAG, Christian. Fear of missing out (Fomo): overview, theoretical underpinnings, and literature review on relations with severity of negative affectivity and problematic technology use. **Brazilian Journal of Psychiatry**, São Paulo, v. 43, n. 2, p. 203-209, 2021.

FERREIRA, Hugo Monteiro. **A geração do quarto**. Quando crianças e adolescentes nos ensinam a amar. São Paulo: Record, 2022.

FREUD, Sigmund. O eu e o id. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. v. 16. São Paulo: Companhia das Letras, [1923] 2011. p. 13-74.

HAN, Byung-Chul. **No enxame**: perspectivas do digital. Petrópolis: Vozes, 2018.

MILLER, Caroline. Does social media use cause depression? **Child Mind Institute**, New York; San Francisco, [s. d.]. Disponível em: <https://childmind.org/article/is-social-media-use-causing-depression/>. Acesso em: 29 mar. 2023.

MILLER, Jacques-Alain. **Em direção à adolescência**. Intervenção de encerramento da 3ª Jornada do Instituto da Criança. [S. l.]: [s. n.], 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/29817233/Em_dire%C3%A7%C3%A3o_%C3%A0_adolesc%C3%Aancia_Jacques_Alain_Miller_por_Nathalie_Tufenkjian. Acesso em: 29 mar. 2023.